



Rastros de memória Dez anos de Mestrado

Maria Amélia Ferreira Perazzo

Resumo

Os dez anos do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, são evocados na narrativa de uma aluna da primeira turma, que se fundamenta nos atuais estudos sobre Memória, tema relevante no mundo moderno. Em sua narração testemunhal, discorre sobre o processo de credenciamento, seu percurso, indecisões e desilusões iniciais e faz uma retrospectiva da construção de sua dissertação com o estímulo e orientação de sua orientadora e incentivo de professores competentes. Com a inevitável marca do presente na narrativa do passado, considera a contribuição do mestrado para sua vida profissional e pessoal, e vê a abertura de um Programa de Doutorado em Educação, nessa Universidade, como uma implicação urgente para a região do ABC.

Palavras-chave: Dez anos do Programa de Mestrado – Memória – Passado e presente.

Memory tracks: ten years of the Masters Program

Abstract

The ten years of existence of the Masters Program in Education of the Methodist University of São Paulo – São Bernardo do Campo – are evoked in the narrative of a student who joined the Program's first class. She bases herself in studies on Memory, a relevant theme in the Modern world. In her testimonial narrative she addresses the process of accreditation, her trajectory, indecisions and initial disillusion and recalls the making of her dissertation with the incentive and guidance of her advisor and several competent professors. With the present inevitably marking the narrative of the past, she considers the contributions her masters

course brought to her professional and personal life and sees the opening of a Doctorate Program in Education in the mentioned university as an urgent element for the ABC area.

Keywords: Ten years of the Masters Program – Memory – Past and Present.

Rastros de memoria: Diez años de Maestrazgo

Resumen

Los diez años del Programa de Maestrazgo en Educación de la Universidad Metodista de São Paulo, en São Bernardo do Campo, son evocados en la narración de una alumna de la primera clase, la cual se fundamenta en los estudios actuales sobre Memoria, tema relevante en el mundo moderno. En su narración cómo testigo, ella discurre sobre el proceso de acreditación, su trayecto, indecisiones y desilusiones iniciales, y hace una retrospectiva de la construcción de su disertación con el estímulo y orientación de su orientadora e incentivo de maestros competentes. Con la inevitable marca del presente en la narración del pasado, ella considera la contribución del maestrazgo para su vida profesional y personal, y ve la abertura de un Programa de Doctorado en Educación, en esa Universidad, cómo una implicación urgente para la región del ABC.

Palabras clave: Diez años del Programa de Maestrazgo – Memoria – Pasado y presente.

Toda narração, toda lembrança, é vida que evoca, mas fundamentalmente convoca vida. Lembramos, contamos, não para o isolamento salvador, não para uma utópica redenção. A memória não é uma ponte para o além ou para um mundo profilático e essencial; a memória é constitutiva do nosso presente e nos projeta para o futuro.
Miguel Angel de Barrenechea

Quando professora Marília¹ fez-me o convite para escrever um texto para a Revista Educação & Linguagem, da Universida-

¹ Prof. Dra. Marília Claret Gerais Duran.

de Metodista de S. Paulo, comemorativa dos dez anos do Programa de Mestrado em Educação dessa Universidade, eu estava justamente lendo um livro de Beatriz Sarlo, *Tiempo Pasado*, que acabara de adquirir em Buenos Aires. Segundo essa autora, quando falamos do passado, o fazemos sem suprimir o presente e, por vezes, com implicações no futuro (2007).

Escrever sobre o início do meu mestrado, há dez anos, será recuperar um tempo passado, lembrado no momento presente e já alterado pelas experiências vividas numa década. A memória é, para Ecléa Bosi (2003:53), "... um trabalho sobre o tempo (...) e a apreensão plena do tempo passado é impossível..." Assim, será inevitável a marca do presente sobre a minha narrativa e o tempo presente, como nos diz Sarlo (2007), acaba tendo uma hegemonia inevitável.

Isso posto, procurei lembrar-me de como e por quê entrei no mestrado e revivi a indecisão de aceitar ou não o desafio de retomar as pretensões, já sepultadas, de fazer uma pós-graduação no nível do *stricto-sensu*.

Aos 59 anos, já aposentada na rede pública estadual e acomodada num cargo de Orientadora Educacional em instituição privada, cursar um mestrado já não fazia parte de minhas pretensões acadêmicas. Por isso, quando uma colega de trabalho convidou – me para ir com ela à Metodista fazer inscrição para o processo seletivo passei um período de grande indecisão, resolvendo inscrever-me ao “soar do gongo”, ou seja, no último dia, no último horário.

Refletindo sobre minhas experiências profissionais e retomando a trajetória teórica percorrida em cursos de aperfeiçoamento e especialização, as direções tomadas em minha profissão, os conflitos ideológicos enfrentados na dialética ideal-realidade, as rupturas em minha formação continuada impostas pela vida, o contexto em que se deu essa formação e, finalmente, as práticas construídas, acreditei ser, talvez, o momento para uma síntese entre prática e teoria na redação de uma dissertação que me permitisse construir minha própria identidade pessoal e profissional. Decidida, então, dirigi-me, ainda que temerosa, às provas de seleção.

Encontrar-me com Denise², ex-aluna, recém formada no curso de Pedagogia, no dia da prova, deixou-me muito apreensiva. E se minha ex-aluna fosse aprovada e eu não? Afinal, o processo seletivo era bastante exigente e o número de candidatas bem acima das vinte vagas oferecidas.

No exame de Proficiência em Língua Estrangeira, escolhi o Francês e não havia tempo para rever a língua que estudara há tantos anos. O texto a ser traduzido era longo e complexo, mas pude entendê-lo até que com alguma facilidade. No entanto, o professor que iria corrigir a prova havia feito doutorado na França e era reconhecidamente muito exigente, o que me deixou bastante insegura em relação ao resultado do processo seletivo. O fato de ter sido a única candidata a escolher a língua francesa teve o seu ônus. Além de caber sempre a mim os textos em francês, o prof. Joaquim³, num seminário com o prof. René Barbier, da Universidade de Paris VIII, colocou-me a uma mesa para, por algum tempo, substituir o tradutor numa tradução simultânea. Foi uma sofrida experiência vivida no meu mestrado, mas um desafio que me proporcionou um grande crescimento intelectual.

Feitas as provas, ainda havia a barreira da entrevista, com discussão do projeto apresentado pelo candidato. No meu caso, sobre a Avaliação Externa. Embora bastante inquisidores os dois professores da banca selecionadora já demonstraram ali, aquilo que caracterizou todo o curso: professores gentis, simpáticos, estimuladores, dispensando-nos um tratamento agradável e até mesmo afetuoso, sem deixarem de ser rigorosos e cientificamente exigentes.

Publicados os resultados, tanto eu como Denise fomos aprovadas. Ex-professora e ex-aluna começamos como colegas de mestrado uma nova etapa de nossas vidas acadêmicas.

O grupo do qual eu e Denise fizemos parte, assemelhava-se, de modo ampliado, à relação que havia entre nós duas: afinidades, cumplicidade, alguns colegas bem jovens, recém graduados e outros retornando aos bancos escolares, após alguns anos de experiência profissional. E, o que tornou o curso mais rico: profissionais de diferentes áreas: dentistas, sociólogos, professores do Ensino Fun-

² Profª. MSc Denise Gomes

³ Prof. Dr. Joaquim Gonçalves Barbosa

damental e Médio, bem como professores universitários. As diferentes formações e experiências profissionais vividas enriqueceram nossas discussões em sala de aula e tornamo-nos um grupo coeso, solidário, cuja convivência foi extremamente prazerosa e também com seus momentos de sofrimento, como na morte de dois queridos colegas pouco tempo após a obtenção de seus títulos de mestre, o dentista Garavatti e a professora Maria Andretta.

Fazer parte da primeira turma de Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo foi uma vivência de-veras interessante e estimulante, pois professores e alunos pareciam estar ali aprendendo e construindo juntos aquele novo Programa, enriquecendo intelectualmente e crescendo como profissionais e como pessoa. Creio mesmo que, a minha vivência de professora na Rede Estadual, especialmente o período de diretora de escola e o mestrado nessa Universidade foram os períodos de minha carreira de maior satisfação pessoal e melhor produção no campo da Educação.

No início, a Área Temática era Educação e Realidade Brasileira, com duas linhas de pesquisa: Práticas sociais da Educação e Linguagem da Educação. Iniciei na primeira, Práticas Sociais da Educação, mais afinada com minha tendência pessoal para as questões sociais. As exigências da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para recomendação do curso provocaram algumas alterações. Nós alunos éramos sempre convidados a participar da construção do Programa e professora Marília, na época coordenadora do Mestrado, promoveu várias discussões com professores e alunos e encontros entre nós e os avaliadores da CAPES.

Mudanças na Área Temática que se chamou Mestrado em Educação e nas linhas de pesquisa alteraram o quadro de professores, todos eles, sem exceção, doutores de renome e sempre competentes. Cada um em sua disciplina, desconstruiu nossas crenças e conhecimentos para que, posteriormente, os reconstruíssemos cientificamente em base atualizada.

Definidas as linhas de pesquisa, minha opção fora por Política e Gestão Educacional e aí iniciei o “calvário” da escrita da dissertação.

Narrar essa experiência da escrita é relatar o que vivi e reviver o relatado, com a minha subjetividade e com a singularidade de minhas lembranças porque, como diz Ricoer (2007), a memória parece ser radicalmente singular e a narração, no dizer de Sarlo (2007), coloca a experiência em uma temporalidade que não é do seu acontecer, mas de sua lembrança.

Recordo-me que meu projeto inicial focava a avaliação externa, mas, minha longa experiência no Ensino Médio acabou por encaminhar-me à recente avaliação do Ensino Médio naquela época: o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio).

Por sugestão da profa. Marília, minha orientadora, foquei o Ensino Médio e sua avaliação. Com seu auxílio, minha dissertação recebeu o título “O Ensino Médio em Tempos de Enem”.

Estávamos no final do ano de 1999 e o Enem havia sido criado na gestão do Ministro Paulo Renato Souza, em 1988, ainda em âmbito experimental. Portanto, quando comecei a pesquisar o Enem, essa prova avaliatória era pouco conhecida pelos professores e alunos do Ensino Médio e havia pouquíssima bibliografia sobre o assunto. Em minha pesquisa, também pude observar a dúvida e a desconfiança dos professores pesquisados sobre tudo que emanasse do espaço de poder, gerando, assim, uma resistência evidente tanto no discurso dos mestres quanto dos alunos. Além disso:

Os professores pesquisados, de um modo mais ou menos geral, descartam o Enem como algo que pudesse interferir em seu trabalho. Usando de tal tática, vão resistindo àquilo que consideram uma forma de controle sobre seus fazeres docentes (PERAZZO, 2002:26).

Confesso que, com isso tudo, tive muitos momentos de desânimo e arrependimento pela escolha do tema, que não parecia atender àquela máxima sempre repetida pelo prof. Danilo⁴ e com a qual eu concordava plenamente, de que toda tese deveria ser “bela e urgente”.

⁴ Prof. Dr. Danilo Di Manno de Almeida

Com seu olhar aguçado de Orientadora, com sua competência e larga experiência, Profa. Marília acudiu-me nesse período de angústia e desencanto apoiando-me, incentivando-me e orientando-me nas leituras inclusive trazendo textos recentes sobre meu tema e sobre teorias que o fundamentavam. Quanto tive que ler e estudar sobre o neoliberalismo! Pablo Gentile, Tomás Tadeu Silva, Gaudêncio Frigoto e, sobretudo Michael Apple, que acabei conhecendo num congresso na Pontifícia Universidade Católica de Curitiba e com quem conversei pessoalmente, contribuindo muito para o meu entendimento sobre esse assunto. Tais autores tornaram-se meus companheiros durante a redação de minha dissertação e seus escritos, meus “livros de cabeceira”. Esses entre muitos outros, pois foram inúmeras as leituras solicitadas por minha orientadora e pelos demais professores. Ler Bakhtin, Orlandi, Maingueneau e entrar nos mistérios da análise do discurso, na tentativa de entender o que o texto nos diz e o que ele nos oculta, foi um árduo exercício intelectual a que nos submeteu a professora Edna⁵ e ao qual dediquei uma atenção especial, pois entendi que me seria muito útil na análise das respostas dos professores e alunos ao questionário aplicado em minha pesquisa de campo. Também contribuíram muito para os procedimentos da pesquisa os debates em classe e leitura sobre a “escuta sensível”, de René Barbier propostos nas aulas do professor Joaquim.

Além das leituras, Marília incentivou-me, também, a apresentar minhas produções em “work shops”, seminários e congressos. Essas experiências e leituras complementavam os ensinamentos obtidos nas aulas e ampliaram não só os meus conhecimentos como transformaram minhas concepções de mundo e vida profissional. Em meu trabalho sentia-me muito mais segura nas minhas ações, na defesa de minhas convicções educacionais, no valor das contribuições que oferecia ao trabalho de meus colegas e orientações aos alunos e seus familiares. Já não era apenas a prática de muitos anos de magistério e orientação educacional. Era a Práxis, tão defendida por Paulo Freire, ou seja, a minha prática agora teorizada e cientificamente fundamentada.

⁵ Profa. Dra. Edna Maria Barian Perrotti

Meus estudos no Mestrado também contribuíram para a certeza do meu posicionamento em relação às políticas educacionais e à política como um todo. Assim “sem medo de ser feliz”, assumi a minha luta contra as concepções neoliberais que predominavam na política educacional brasileira e caracterizavam os governos na década de 1990.

Paul Ricoeur (2007), quando escreve sobre *A memória feliz*, em seu livro *A memória, a história, o esquecimento* diz que “todo fazer - memória resume-se no reconhecimento de si mesmo que culmina (...) o momento reflexivo da memória” (p. 502). Fazer o mestrado, além da sabida importância de atualização e formação continuada, contribuiu para que eu mudasse o foco do meu olhar e compreendesse a Educação por meio de uma análise crítica mais ampla, dentro de uma perspectiva de mundo real, sem aquela aura romântica e idealizada e sem a atitude voluntarista que geralmente assumimos em nossas escolas; olhar a Pedagogia sobre outro enfoque ou, como escreve prof. Danilo (1999:101) “uma outra imagem, uma Pedagogia afetada, possuída, apaixonada”.

Essa transição de um estado ingênuo para uma atitude crítica e consciente do contexto histórico no qual exercia minha ação educadora, abriu-me caminho para novos desafios profissionais em âmbito mais amplo do que aquele em que atuava, acreditando como Di Manno que:

A essência da verdade não está na verdade do caminho, mas na experiência dos caminhantes, que deveriam viver apaixonadamente o que são e o que fazem para que possam justamente ter forças para ser o que ainda não são e fazer o que ainda não fazem (1999:101).

Se, como diz Sarlo (2007), fala-se do passado sem suprimir o presente, retomo o tema de minha dissertação, que graças à visão de futuro da profa. Marília não abandonei, para olhar o ENEM nos dias de hoje, onze anos após sua criação. Gestado no âmago de uma política neoliberal “acompanhando a tendência mundial das reformas neoliberais dos anos 1980 e 1990” (PERAZZO, 2002:23), esse modelo de avaliação foi criado nos

moldes do norte-americano SAT, *Scholastic Aptitude Test*. Organizou-se como prova de saída do aluno ao final da Educação Básica e não como prova de acesso ao Ensino Superior. Recorrendo ao auxílio do professor Severino⁶, de Metodologia do trabalho Científico, elaborei meu projeto buscando além dos fundamentos teóricos, vasta documentação oficial da criação e aplicação do ENEM e elaborando questionários abertos a serem aplicados aos professores, alunos e especialistas da escola em estudo. Pude, assim, construir os caminhos de minha dissertação num recorte do significado daquele exame naquele período da pesquisa.

Nesses anos, o ENEM sofreu algumas alterações na elaboração das questões e tornando-se conhecido por alunos e professores, aumentando consideravelmente, ano a ano, o número de candidatos a essa prova, embora, até o momento, não tenha sua proposta inicial alterada. Atualmente, entretanto, está sendo proposto pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad, sua utilização para acesso às universidades em substituição ao vestibular, adquirindo suas provas uma nova formatação. Recente reportagem da Folha de S. Paulo (28 de abril de 2009) informa que, pelo menos 25 das 55 universidades federais deverão usar o novo ENEM como forma de seleção em seus próximos vestibulares e dessas, 14 tendem a utilizar apenas esse exame. Tal proposta nos sugere a interferência dessa avaliação em futuras mudanças na estrutura de acesso à Educação Superior, fato que tem sido, atualmente, amplamente debatido nos meios de comunicação e tem gerado dúvidas e resistências na esfera acadêmica.

Sendo inevitável a marca do presente na narrativa do passado, revejo hoje o tema de minha dissertação e o considero agora de valia para a história da Educação brasileira, pois me parece que o ENEM terá possibilidade de modificar tanto a estrutura curricular do Ensino Médio como o acesso à universidade. Se, tais mudanças serão para melhor ou para pior, só o tempo dirá, mas está aí um tema “belo e urgente” para novas pesquisas.

Nos rastros de memória do meu mestrado e utilizando a frase de José Maria Gonçalves Filho (2003) na apresentação do

⁶ Prof. Dr Antônio Joaquim Severino

livro de Bosi, *O tempo vivo da memória*, “a memória devolve não simplesmente o passado, mas o que o passado prometia”, vejo que o programa de Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo é uma realidade presente, prometida no passado: excelência na formação de Mestres em Educação. E se ao falarmos do passado não suprimimos o presente e até podemos arriscar implicações para o futuro, considero que a produção nesses dez anos do mestrado já deu mostras de produções e produtos suficientes para que a Universidade Metodista possa ampliar seus objetivos com a abertura de um Programa de Doutorado em Educação, atendendo, com sua experiência e competência, uma carência em nossa região de ABC.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Danilo Di Manno de Por uma pedagogia apaixonada. *Educação & Linguagem*, ano 2, n. 2. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 1999.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

GONÇALVES FILHO, José Moura. In: Bosi, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Sócia*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

PERAZZO, Maria Amélia Ferreira. O Enem e sua articulação com a reforma curricular do Ensino Médio. *Educação & Linguagem*, ano 5, no. 6. São Bernardo do Campo: Umesp, 2002.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SARLO, *Tiempo pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión*. Buenos Aires : Siglo XX Editores, Argentina, 2007.

SOLANO, Pablo e BENITES, Afonso. Ao menos 25 das 55 federais devem adotar o novo Enem. *Folha de S.Paulo*, 28-04-09. Caderno cotidiano, p.C8.